

Considerações académicas sobre a "Petição de um grupo de cidadãos contra o Acordo Ortográfico de 1990"

O discurso da "Petição" contra o Acordo é exagerado, fantasiado e, pior do que isso, é ignorante e retrógrado.

É ignorante porque desconhece noções e princípios elementares das ciências da linguagem, ignora os critérios de economia, de simplificação e unificação da ortografia, desconsidera a dimensão sociocultural da língua, e os pressupostos da redundância comunicacional.

É retrógrado porque não consegue superar a inércia de hábitos de escrita injustificados; sobrestima uma peregrina informação etimológica, como se os portugueses escolarizados continuassem a estudar latim; impõe o uso desnecessário de acentos gráficos e de consoantes mudas, que empecilham a grafia, suscitam erros ortográficos, inibem o uso da escrita e promovem a insegurança linguística. A informação etimológica é muito interessante, e mantém-se quase inteiramente no AO90, mas é muito mais importante e urgente o uso desimpedido, alargado e eficaz da comunicação escrita.

O "Movimento dos Cidadãos contra o Acordo Ortográfico" é um tropismo de adesão emocional, uma animação chique, intelectualoide, classista e reacionária. Os poetas e os intelectuais não têm problemas de escrita. No que à ortografia diz respeito são inimputáveis, mas dir-se-ia que alguns se julgam donos da língua. Têm saudades do tempo em que a qualidade da língua era aferida pelo número dos erros de ortografia.

O português falado e escrito tem que ser um lugar de bem-estar para todas as populações em Portugal, no Brasil e em toda a lusofonia. A língua não pode ser instrumento de privilégio para uma aristocracia intelectual desinformada e pouco generosa. Tem de ser de acesso fácil e simples para todos.

O acordo ortográfico está em aplicação, em Portugal, há mais de oito anos, nas escolas e em quase todos os meios da comunicação social, com geral acatamento. Não se conhecem reclamações do "povo povo", dos clubes desportivos (que leem muitos jornais), das bibliotecas públicas, das editoras, das associações regionais, das autarquias, dos professores em geral e particularmente dos linguistas. O apercebimento público da mudança ortográfica tem sido praticamente insensível.

Na realidade, o Acordo promoveu um pequeno e fácil ajustamento ortográfico, com pouca incidência no comportamento linguístico normal da comunidade. O Acordo não preocupa o povo

que escreve e lê, nem incomoda os estudantes que têm aprendido a ler e a escrever com algumas vantagens.

As diferenças da atualização ortográfica revelam um atrito tão residual que não suscitam qualquer perplexidade no trânsito quotidiano da escrita e da leitura. Numa aproximação estatística, feita sobre um conjunto de crónicas de jornais escritas "à antiga", a proporção da diferença é inferior a um por mil. Para fácil entendimento, quer dizer que é preciso ler mais de mil "letras" em média, para encontrar uma consoante muda que foi suprimida pelo AO90.

Resiste e reage à mudança um grupo ornamentado de nomes sonantes, mestres e aprendizes das galerias da fama, que valorizam o seu poder simbólico; defendem a superioridade conveniente dos seus hábitos de escrita; instigam o populismo fácil, e proclamam, como quem cumpre um glorioso dever, que : "escrevem de acordo com a antiga ortografia". Se o não declarassem, ninguém se aperceberia de tão grande heroicidade.

Exemplo eloquente: o escritor Miguel Sousa Tavares assinou um dos textos mais violentos contra o Acordo Ortográfico, no jornal *Expresso* do passado dia 11 de fevereiro. Nele invoca a pátria, a ciência, a superioridade moral dos escritores, como garantias contra a "estupidez", a "idiotia" e a "imbecilidade" do AO90, e termina proclamando *coram populo*, que "escreve de acordo com a antiga ortografia". Revendo as cerca de 1000 palavras, dessa longa catilinária, não descortinamos variantes da "antiga ortografia". Salva-se a pátria e a inteligência nesse texto, afinal perfeitamente escrito no AO90!

É ridícula e lamentável esta campanha que explora a exibição mediática, perturba a vida pública e ignora os valores da cidadania linguística e a opinião dos linguistas. E muito nos desalegra que se queira ver a Academia das Ciências embrulhada neste arraial de conservadorismo pobre e ignorante.

Telmo Verdelho